

## O PROFESSOR MEDIADOR DA LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTO-JUVENIL

Esdras do Nascimento Ribeiro <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir acerca da importância da prática da mediação da leitura e sua relevância como estratégia metodológica capaz de contribuir no processo de formação de leitores infanto-juvenis, bem como outros sujeitos que estejam em processo inicial de formação leitora ou não. Assim sendo, o estudo produzido ancora-se no método de revisão bibliográfica realizado através de pesquisas, leituras, análise e interpretação de textos teóricos que discutem a temática abordada. Além disso, traça uma linha de raciocínio que compreende a prática de mediação da leitura, em especial realizada pelo(a) professor(a) em sala de aula, com uma metodologia que possibilita e/ou contribui para o incentivo à leitura e à criação de um hábito leitor de textos literários. Por fim, realça no debate aqui proposto, a inter-relação existente entre a prática de mediação da leitura como ferramenta do(a) professor(a) e a formação do leitor infanto-juvenil, prioritariamente.

**Palavras-chave:** Leitura, Mediação da Leitura, Leitor Infanto-Juvenil.

### INTRODUÇÃO

Em meio a tempos que oferecem tantos atrativos diferentes, parar para apreciar a leitura de um bom livro parece demandar muito esforço. De mesmo modo, quando se trata do intuito de instigar o hábito e o gosto pela leitura, especialmente em crianças e jovens que estão iniciando sua formação leitora, o professor se deparará muitas vezes com certa resistência desses sujeitos em interagir com o texto literário. Nesse sentido, o estudo aqui apresentado busca traçar uma linha de reflexão em que aborda o papel do docente enquanto mediador da leitura, o próprio ato de mediação e a relação desses dois primeiros com a formação do leitor infanto-juvenil.

É importante refletir sobre quem são os indivíduos envolvidos no processo de mediação e qual a importância da leitura literária para eles, em que contexto estão inseridos, do que gostam de ler e quais as barreiras precisam ser superadas para que a mediação ocorra satisfatoriamente. Dessa forma, a partir desses questionamentos é que devemos planejar a ação do ato mediador ancorado nas dimensões temáticas da leitura literária, das práticas e mediações possíveis da leitura.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus Cajazeiras – PB, e-mail: [esdras.ribeiro2013@gmail.com](mailto:esdras.ribeiro2013@gmail.com)

A mediação da leitura é um ponto importante e que precisa possuir destaque na prática docente, pois favorece a leitura e possibilita a construção de uma relação entre o texto, seja ele de que tipo for, e o leitor. Além disso, contribui também para um melhor processo de democratização de acesso à leitura e, conseqüentemente, da informação e do conhecimento. Embora saibamos que no cenário nacional ainda temos diversos obstáculos a serem vencidos para que haja de modo real uma efetiva interlocução entre a mediação da leitura, as escolas, as bibliotecas e o acesso à informação.

A discussão abordada neste artigo decorre, portanto, da inter-relação que se estabelece entre a prática de mediação da leitura realizada pelo professor e suas implicações na formação do leitor infanto-juvenil. Em vista disso, o artigo tem como objetivo discutir sobre a importância da prática da mediação da leitura como estratégia metodológica no processo de formação de leitores infanto-juvenis. Para isso, a pesquisa fundamentou-se no estudo de revisão bibliográfica composto por leituras, análise e interpretação de autores concernentes a temática abordada.

## **1 MEDIAÇÃO DA LEITURA: EXERCÍCIO DE TODOS.**

O nosso cotidiano é permeado por diversos momentos em que a leitura se faz presente, seja em situações comuns, como no preparo de uma receita de bolo ou em ocasiões mais complexas, como por exemplo no estudo de um artigo científico. De todo modo, a leitura em sua forma verbal ou não verbal assume um papel de fundamental importância na mediação das relações de interação entre as pessoas, do sujeito consigo mesmo e na execução de uma variedade de tarefas oriundas da vida em uma sociedade moderna. Vale ressaltar ainda, que as condições contextuais de inserção nesse meio social e cultural, do qual fazemos parte, pode interferir no modo como se realizam essas relações interativas e, portanto, modificar a maneira de como encaramos a leitura.

Conseqüentemente, devido a multiplicidade de atuação da leitura, sua prática nos apresenta um amplo leque de possibilidades. Lemos para nos divertirmos, em momentos de lazer, realizando uma leitura despreocupada ou podemos ler com objetivos mais específicos e definidos, quando por exemplo, queremos obter algum conhecimento ou informação em particular ou mais metódica. Contudo, independentemente do propósito que se busca alcançar com a leitura, o ato de ler se torna sempre uma tentativa de dar significado e representação aquilo que está ao nosso redor, isto é, o mundo. Nas palavras de Ítalo Calvino (1999) “ler é ir ao encontro de algo que está para ser e ninguém sabe ainda o que será”.

Portanto, pensar sobre a mediação da leitura no intuito de promover a formação de leitores implica necessariamente nos questionarmos acerca de que depende o incentivo à leitura, bem como na necessidade de se considerar os diversos públicos existentes, com suas mais variadas peculiaridades. Sendo assim, vale à pena refletir sobre quais condições são mais propícias à formação de um indivíduo leitor, principalmente, se considerarmos a complexidade e as diferenças existentes no contexto brasileiro. Pois, embora saibamos que o leitor está em construção ao longo da sua trajetória de vida é importante que se desenvolva práticas leitoras, críticas literárias e poéticas, que estabeleçam conexões afetivas com ele, levando-o a se identificar em suas leituras, além de fomentar uma postura de autonomia e liberdade em seu processo de formação leitora.

No entanto, a falta de acesso a biblioteca, ao livro e a leitura em suas mais variadas formas, ainda é uma realidade muito presente em grande parte da sociedade brasileira, especialmente, nas localidades mais carentes do nosso país. Além disso, a prática de mediação da leitura pautada nos princípios do exercício crítico, pedagógico e dialógico do ato de ler, parece não ter sido bem compreendida e, por vezes, não é incomum nos depararmos com um ambiente escolar em que se desenvolva um trabalho com a leitura sem considerar sua aplicabilidade na vida real, no cotidiano do educando e sem levar em conta os interesses dele, o que acaba resultando numa prática vazia de sentido por parte do aluno que está iniciando seus primeiros passos na leitura.

Mas, embora seja extremamente importante criarmos facilidades de acesso ao livro, também é necessário construir condições de incentivo à leitura, meios que incitem, provoquem, instiguem e convidem as pessoas a lerem, a interagirem com o universo da leitura, principalmente, quando se trata de leitores iniciantes e, nesse aspecto, não faz diferença sua classe social ou a faixa etária desses sujeitos. Logo, é neste cenário que a mediação deve atuar como anfitriã daqueles que queiram aventurar-se nessa experiência extraordinária, que é a leitura.

Nesse intuito, torna-se essencial pararmos para refletir um pouco sobre a mediação da leitura, mesmo compreendendo que quando se trata do conceito em si de mediação, podemos nos deparar com diversas possibilidades, dependendo dos indivíduos envolvidos no processo e do contexto no qual estão inseridos. Paulo Freire em sua prática pedagógica destaca a necessidade de “[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1989, p.09). Partindo dessa perspectiva, a leitura é um importante

instrumento para a construção do saber, desde que se compreenda como relevante a reflexão crítica do leitor e o seu conhecimento de mundo, como nos afirma em sua fala o próprio autor:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.09)

O teórico fundamenta grande parte de sua teoria no princípio da dialogicidade e compreende que é por meio desse elemento que se originam as práticas sociais e culturais de mediação da leitura. Dessa forma, podemos entender que a construção e aquisição do conhecimento se dá através do diálogo, direcionando os sujeitos envolvidos nesse processo interativo para uma atuação libertadora e autônoma, onde todos os participantes se sintam valorizados. Logo, podemos deduzir que a vontade em aprender desencadeia o desejo pela leitura e, conseqüentemente, pelo conhecimento. Então, ao propormos determinadas leituras é importante que elas estejam relacionadas às experiências do leitor ao longo da sua construção, pois essa atitude nos leva além do campo teórico pedagógico e nos situa também numa esfera social, aquela em que os indivíduos passam a reconhecer em suas leituras aspectos da vida real fundamentais para a compreensão da realidade.

A mediação da leitura é, desse modo, uma prática que se caracteriza especialmente por sua versatilidade, uma vez que pode se concretizar em diferentes espaços e, não somente na sala de aula, mas também em bibliotecas, praças, igrejas, parques etc, visto que ela prescinde das relações dialógicas que se estabelecem entre os sujeitos, o texto mediador e o próprio ato mediador. Assim sendo, a mediação é composta por um diálogo que apresenta em sua composição uma multiplicidade de vozes e narrativas, de natureza dinâmica, flexível e crítica, capaz de conectar pessoas e textos.

## **2 FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTO-JUVENIL: PRÁTICA DOCENTE E POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO.**

O estudo acerca da formação de leitores tem caminhado em direção de uma nova ótica, a ideia de que o leitor, independentemente do seu nível de formação, está em constante aprendizagem de leitura. Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988, p.11)

reafirmam esse posicionamento ao dizer que “todas as pessoas, desde a infância, são, portanto, leitoras em formação, uma vez que estão constantemente atribuindo sentidos às mais diversas manifestações da natureza e da cultura”. Desse sujeito em contínua formação exige-se a capacidade de atuar efetivamente diante do texto, de modo a estar apto a articular suas escolhas ao jogo de ideias proporcionado pela leitura, posicionando-se na situação de agente ativo, cabendo-lhe a função de assumir o controle em relação às possibilidades de compreensão do texto.

O leitor infante-juvenil, cerne da nossa discussão aqui, caracteriza-se por ser um sujeito que está passando por mudanças significativas, tanto físicas quanto mentais, específicas da puberdade. Essa fase coincide com o período em que geralmente se ingressa na segunda metade do ensino fundamental, o que de algum modo implica em dificuldades relativas à mediação da leitura, requerendo assim, um tempo de adaptação a esse novo estágio escolar e da própria vida. Quando nos voltamos para o modo pelo qual esses sujeitos fazem suas escolhas de leituras, percebemos uma certa desordem na construção de seu repertório. Petrucci (1999, p.222) denomina de “escolhas anárquicas” essa maneira desordenada e praticamente aleatória desse público escolher suas leituras.

Assim sendo, se as escolhas fora da escola se realizam de maneira anárquica, dentro dela o contexto muda consideravelmente, ocorrendo de forma muito mais criteriosa, obedecendo a aspectos pedagógicos, de cunho editorial e mercadológico. No entanto, é fundamental criar instrumentos que permitam o leitor escolher de modo mais democrático possível suas leituras, evitando posturas autoritárias e impositivas durante o processo de mediação. Nesse intuito, cabe à escola estabelecer vínculos entre o universo cultural dos seus alunos e as obras literárias destinadas à leitura para que por meio da mediação do professor seja possível propor textos que estabeleçam uma relação significativa entre o mundo ficcional da literatura e a realidade do leitor.

O professor deve estar atento as leituras que despertam um maior interesse do seu público de leitores, já que ele é a figura central, embora não exclusiva, responsável por fazer acontecer a mediação da leitura. Este aspecto se tornará elemento favorável à relação do leitor com os textos, uma vez que os alunos são sujeitos distintos e que, portanto, apresentam interesses de leitura diversos, sejam de caráter informativo, recreativo, instrucional etc.

Assim sendo, vários fatores, como a idade, a escolaridade, o sexo, seu nível socioeconômico etc, podem influenciar os jovens no momento da escolha de um livro. Pensando nisso, é preciso ter em mente que forçar a leitura de determinados textos não resulta no despertar da vontade de ler, pelo contrário, intensifica a resistência. Em contrapartida quando a leitura é

vivenciada de modo prazeroso, através de uma adequada mediação, a qual pode ocorrer em formato de círculos de leitura, clubes do livro, rodas de leitura, contação de histórias etc, oportunizar-se uma maior imersão na experiência que é o ato de ler.

Diversas estratégias podem ser utilizadas em sala de aula quando o objetivo é sensibilizar os leitores. O teatro, por exemplo, é uma excelente alternativa quando se pretende trabalhar uma temática impactante, seja por causa do seu enredo irreverente ou pela sua densidade dramática a que qualquer indivíduo está propenso a vivenciar na sua vida real.

A fluidez da literatura possibilita a seus espectadores poder experimentar de maneira palpável a realidade de modo diferente. Logo, é importante criar condições propícias para que o interesse pelas histórias e/ou pela poesia de desenvolvam, além de outros gêneros literários. Contudo, isso demanda esforço e dedicação do mediador que precisa direcionar o trabalho com o texto literário voltado para o aprimoramento da oralidade e da leitura crítico-reflexiva, evitando-se enfatizar apenas os conhecimentos utilitários, ou seja, aqueles que indicam que servem para isto ou aquilo.

Nesse perspectiva, Faria (2004) destaca que:

[...] o mediador de leitura conheça as instâncias do discurso literário, tais como os personagens, o narrador, o espaço-tempo, o gênero e a relação que estes elementos estabelecem entre si no desenrolar da narrativa, pois todos esses elementos estão presentes no livro para crianças e jovens. Entendendo assim, ele pode perceber as sutilezas e as muitas maneiras de ler um livro, e atender sempre às expectativas e competências dos pequenos leitores. (FARIA, 2004, p.14)

O professor mediador precisa manter uma relação muito próxima e pertinente com a leitura, isto é, ser um leitor assíduo. Pois, dessa maneira, após ter vivenciado as sensações despertadas pelo texto ele poderá planejar com mais eficiência os momentos de atividades de leitura com seus alunos, contribuindo para fortalecer o contato deles com as obras literárias, com o propósito de aprimorar e fomentar o desenvolvimento desses indivíduos como leitores proficientes. Além disso, essa postura favorece que o docente compartilhe conhecimentos que possibilitem ao público leitor conhecer elementos da sua própria cultura, socialize informações, forme opiniões e desenvolva uma capacidade criadora acerca de temáticas dos mais variados contextos.

### 3 A MEDIAÇÃO DA LEITURA A FAVOR DE UMA EDUCAÇÃO LITERÁRIA.

A leitura literária exige do leitor um conjunto de habilidades e competências capazes de reconhecer no texto suas intenções, seus sentidos, suas operações linguísticas, bem como as proposições estabelecidas e expressas pelo autor. Assim, a obra literária instiga em seus leitores o desenvolvimento da imaginação, o posicionamento crítico, a utilização adequada da língua em seus diversos contextos, além de possibilitar aos sujeitos a reflexão sobre si mesmos e sobre o mundo.

Compreender que o texto literário é resultado de uma produção artística nos motiva a querer que o leitor seja capaz de se perceber em uma legítima interação com o livro, permitindo-lhe, desse modo, vivenciar experiências tanto de cunho intelectual quanto de interesse emocional. Já que ler literatura proporciona a possibilidade de experimentar situações, estímulos e vivências diversas, que quando associadas a história de vida desses sujeitos, provocam diferentes maneiras de interagir com a obra literária.

Em vista disso, quando nos reportamos à leitura literária no âmbito da educação formal é importante que o mediador, na figura do professor, busque criar condições que garantam ao aluno um contato mais peculiar com a dimensão estética do texto. Logo, é preciso elaborar estratégias metodológicas capazes de atender a essa necessidade. Pois como afirma os os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) não se pode negligenciar ou omitir o trabalho com o texto literário em sala de aula.

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral do texto literário. (BRASIL, 1997, p.29)

Podemos afirmar, sem dúvida, que os PCNLP orientam o trabalho com a leitura por meio de uma perspectiva voltada para o letramento, isto é, compreendendo o ato de ler como uma ação social realizada em contextos específicos com objetivos próprios para cada realidade, além de apresentar uma capacidade de instigar o leitor a cumprir seu papel humanizador na sociedade. No tocante ao texto literário, a mediação deve ocorrer através de procedimentos lúdicos, significativos, onde os indivíduos sejam levados a interagirem com a obra. Nesse intuito é fundamental que a prática docente caminhe para o que Magda Soares (2006, p.23) defende como adequada escolarização do texto literário.

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, [...] conotação peyorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o texto literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 2006, p.23)

O grande desafio e, com certeza, um dos principais objetivos do professor ao trabalhar a leitura literária é, sem sombra de dúvida, ser capaz de fundir duas propostas que aparentemente são impossíveis de funcionar juntas, são elas: o prazer na leitura e o compromisso com o conhecimento. Diante desse contexto tão desafiador a prática da mediação pode se tornar uma estratégia fértil para atuar na sala de aula, mesclando as possibilidades do texto literário sem se render aos excessos possíveis de subjetividade emanado de algumas abordagens literárias. Com outras palavras Rildo Cosson (2014) nos diz o seguinte:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita o ato de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para reconhecer e articular com proficiência o mundo feito pela linguagem. (COSSON, 2014, p.29-30)

O autor propõe um trabalho com o texto literário que mantenha sua literariedade sem abrir mão do protagonismo do aluno, aliando a essa prática a ação mediadora do professor. Essa atuação proposta nos moldes do letramento é proveniente de estudos pautados na ideia de uma educação literária, que segundo Mark Baeurlein (2008) preza por três itens essenciais para que a leitura aconteça verdadeiramente, são eles: “1) a vontade de experimentar e compreender, 2) a existência de poucas interrupções e 3) a receptividade para aprofundar o pensamento”. O professor precisa estar apto a lidar com as dimensões da fruição e da reflexão, pois deste modo garantiremos que o processo de mediação nos leve a uma prática direcionada para uma educação literária.

O exercício da docência deve caminhar em sintonia com o conhecimento, além de utilizar-se das experiências vividas e oriundas com e na leitura, respectivamente. Assim sendo, para que essa realidade seja reflexo da prática do professor como sujeito mediador e formador de leitores, é importante que ele tenha em mente, de forma muito clara, a importância da interrelação entre os elementos que cumpriam a estrutura significativa da educação literária, ou seja, o texto, o escritor, o leitor, a escola e as práticas educativas.

Nesse sentido, vale ressaltar que o trabalho com o texto literário direcionado para uma perspectiva da educação literária e, conseqüentemente, do letramento literário deve esclarecer alguns pontos que são fundamentais para uma prática docente exitosa nos moldes que propomos aqui. Primeiro, a visão que o docente tem de literatura é a mesma empregada em sua prática educativa em sala de aula, portanto, o professor precisa vivenciar o texto para redimensionar sua atuação pedagógica. Segundo, é necessário sair da superficialidade do texto literário e aprofundar-se em suas potencialidades linguísticas, semânticas e interativas. Por último, colocar-se em diferentes posições dentro da leitura na tentativa de notar as diversas dimensões presentes no texto e aliada a subjetividade do professor conduzir o aluno a assumir seu papel de protagonista, contribuindo para que ele possa empregar seus conhecimentos no exercício da leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de existir tantos suportes, formatos e plataformas de leitura hoje em dia, nos parece a uma primeira vista, ser um enorme desafio para o professor superar quando o seu propósito for formar leitores em meio a esse contexto repleto de possibilidades tão atraentes. Contudo, se ampliarmos o modo como entendemos o conceito de leitura e sua multiplicidade de sentidos é possível incorporarmos na prática docente esses elementos oriundos da modernidade, como por exemplo, os ambientes virtuais que podem ser extremamente ricos de artifícios voltados para o ato de ler. Dessa forma, podemos perceber que quando se trata da complexidade que é o processo da leitura, ela encontra de algum modo novos ambientes e leitores para sua concretização.

É necessário compreendermos a leitura como algo que atravessa o tempo e que pode permear diversos espaços, pois, dessa forma, torna-se mais fácil vislumbrarmos uma maior proximidade entre ela e os novos leitores das novas gerações, em especial, quando nos reportamos as crianças e aos jovens, que tendem a apresentar um maior nível de familiaridade com os adventos tecnológicos. Logo, é muito importante estarmos atentos ao que esse público pensa, gosta e deseja, para que possamos durante a mediação ofertar propostas de leituras que não estejam desconectadas a realidade e aos interesses desses sujeitos.

As mudanças nos perfis dos leitores tornam-se cada vez mais perceptíveis à medida que seu universo de leitura se expande, o que leva o leitor a incorporar outros pontos de vista e outras acepções acerca da leitura, extrapolando assim o texto escrito, os espaços de promoção da leitura e a própria formação do leitor. Nesse contexto, diante de tamanha dinamicidade, o

exercício da leitura se integra a práticas de âmbito cultural dando origem a novas configurações que se estabelecem entre o ato de ler e as diferentes formas de relações das leituras com a leitura.

No entanto, não é difícil perceber que ainda existe um caminho muito longe a percorrer e diversos desafios a superar quando o assunto é a inclusão democrática dos indivíduos ao acesso as práticas sociais da escrita e da leitura no Brasil. Existem sérias dificuldades que se apresentam tanto dentro dos espaços educacionais quanto fora deles. O difícil e precário acesso ao livro, a biblioteca, a leituras é evidente, especialmente em comunidades carentes.

Para concluir, por ora, é preciso investir mais na criação de políticas públicas de acesso ao livro e fomento da leitura, bem como ampliar a abrangência daquelas que já existem, como por exemplo, o Programa do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Além disso, promover cada vez mais a formação de mediadores de leitura não só no âmbito da educação formal, mas outros indivíduos que possam atuar no incentivo à leitura fora do ambiente de sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- BAUERLEIN, Mark. **The Dumbest Generation**. New York, NY: Tarche Penguin, 2008.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera T. de. **Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2º. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Ensino Fundamental. Brasília, 1997.
- CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 1º Edição. São Paulo: Contexto, 2014.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- PETRUCCI, A. **Ler por ler: um futuro para a leitura**. In: CHARTIER, R.; CAVALLO, G.(Org.). **História da leitura no mundo ocidental II**. São Paulo: Ática, 1999.
- SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Martins et al (Orgs.). **A escolarização da leitura literária – O jogo do livro infantil e juvenil**. 2º. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.17-18.